

Diseñoantropología en Brasil: correspondencias de investigación a partir del LaDA y el NIDA

Manuela d'Albertas Gomes de Carvalho^(*)

Zoy Anasatassakis^(*)

Resumen: Aquí retomamos parte del material producido por una investigación de maestría (Carvalho, 2025) realizada en el Programa de Posgrado en Diseño de la Escuela de Diseño Industrial (PPDESDI) de la Universidad Estatal de Río de Janeiro (UERJ), que investiga cómo se han dado en Brasil los encuentros entre el diseño y la antropología, o la diseñoantropología (IZÍDIO, FARIAS, NORONHA, 2022). Buscamos recuperar las texturas que se conforman a partir del entrelazamiento de las líneas por las que caminan los grupos de investigación fundadores de esta aproximación en el país, a saber, el Laboratorio de Diseño y Antropología (LaDA, ESDI/UERJ) y Narrativas en Innovación, Diseño y Antropología (NIDA, UFMA), y destacamos la importancia del concepto de correspondencia (Gatt, Ingold, 2013) en sus experimentaciones teórico-metodológicas. A través de una investigación situada y relacional, buscamos demostrar que la antropología del diseño es, hoy en día, un campo de investigación consolidado en Brasil.

Palabras clave: Diseñoantropologia; diseño; antropología

[Resúmenes en inglés y portugués en la página 52]

^(*) Mestre em Desenho Industrial (ESDI-UERJ). Pós-graduada no curso de Especialização em Design Gráfico (EBAC, 2020). Bacharel em Ciências Sociais (FFLCH - USP, 2015). - manuela.dalbertas@gmail.com.

^(**) Designer (ESDI/UERJ, 1999). Mestre (2007) e doutora (2011) em Antropologia (PPGAS-MN/UFRJ). Professora Associada da ESDI/UERJ, onde coordena o Laboratório de Design e Antropologia (LaDA), grupo de pesquisa certificado pelo CNPq. - zoy@esdi.uerj.br .

Introdução

Na pesquisa, investigamos como tem se dado, no Brasil, os encontros entre design e antropologia, em relação ao que, aqui, seguindo Raquel Noronha (2022), denominamos de designantropologia. A grafia designantropologia emerge como um tensionamento da expressão *design anthropology*. Acompanhamos as trajetórias de trabalho de pesquisadoras

que se identificam com a aproximação entre antropologia e design desde perspectivas que buscam posicionar as duas áreas de conhecimento em relações de composição, ou correspondência.

O material que informa este trabalho foi reunido por meio de movimentos que buscamos retomar em co-autoria - orientanda e orientadora, neste artigo. De início, realizamos uma busca exploratória em bancos de dissertações, teses e periódicos científicos. As informações reunidas foram sendo desenhadas fora das telas, possibilitando observar, de modo mais fluido, nelas, as relações. Ao organizarmos em papel as informações antes divididas e permeadas pela rigidez de linhas e colunas de documentos digitais, fomos percebendo que a “limpeza” da planilha deixava escapar dados fundamentais para a análise dos processos em jogo. Também entrevistamos algumas das pesquisadoras, e, em seguida, organizamos dois encontros *online*, reunindo pesquisadoras da área.

Aqui buscaremos tornar visíveis as tramas de pesquisa conformadas a partir das correspondências entre dois dos principais grupos de pesquisa na área, no Brasil, o LaDA e o NIDA.

Seguindo os movimentos de pesquisa entre LaDA e NIDA

Organizando o material reunido nesta primeira etapa de busca exploratória e desenho, iniciamos posicionando o nome de Raquel Noronha¹, que nos levou a uma linha de aproximação com Zoy Anastassakis² e Maria Cristina Ibarra.³ Esses três nomes emergiram como nós vitais para a trama que se buscava delinear, como ficará melhor explicitado. O início da pesquisa se deu se deu, então, pela aproximação com a própria orientadora e coautora deste texto, Zoy Anastassakis, e seu vínculo com designantropologia, bem como o acesso da orientanda a uma palestra ministrada por Raquel Noronha (2020), em que ela conta de seus questionamentos em torno do campo de conhecimento até então denominado por *design anthropology*, indicando a tese de Maria Cristina Ibarra como a primeira produção brasileira na área.

A partir da leitura de resumos, introduções e conclusões de seus trabalhos, passamos a colocar essas pesquisadoras em relação, também, com conceitos e narrativas em torno das aproximações entre design e antropologia que apareciam, ali, em meio aos seus escritos; junto a isso fomos identificando em quais instituições essas pesquisas vinham sendo produzidas. Com Tim Ingold (2015), percebemos que o que desenho que estava se tornando visível poderia ser denominado de malha, sendo constituída por algo pulsante, em constante transformação. O movimento passou a ser, então, desenhar no papel e pulsar junto a essas relações.

O antropólogo britânico, professor da Universidade de Aberdeen, Tim Ingold, nos convidava a pensar com as coisas, em vez de com os objetos. Como formas acabadas, os objetos estariam mortos e dependeriam de “agentes” externos para lhes conferir vida. As coisas, diferentemente, estão em constante ação, em movimento relacional com os fluxos, em meio àquilo que está presente nos ambientes em que habitam. A sopa, por exemplo, é uma alquimia entre ingredientes que agem entre si, com o ar, com a panela, com o fogo. As coisas estão em relações de movimento entre materiais e forças que constituem o habitar.

Esta seria essa uma maneira de entender que o sentido das coisas não existe *a priori*, mas uma construção constante de emaranhados de linhas que seguem correspondendo entre si. Assim, malha, para o autor, é um emaranhado de linhas que se tramam e se enredam constantemente, em fluxo, sempre com linhas soltas, formando texturas vivas (INGOLD, 2015). Raquel Noronha nos lembra (2020) que as relações entre design e antropologia não são novas. Historicamente, essas duas áreas de conhecimento têm se relacionado de vários modos: em alguns momentos, práticas de design se sobressaem a práticas de antropologia, assim como o inverso. Neste trabalho, nos interessa a aproximação aos modos de pesquisa que vêm se construindo como um fazer design *com* antropologia.

Ao observarmos que boa parte das pesquisas levantadas abordavam o conceito de correspondências, uma das questões de investigação passou a ser se designantropologia, no Brasil, estaria diretamente relacionado com este conceito. Formulado por Caroline Gatt e Tim Ingold (2013), a noção de correspondência estaria atrelada à construção de uma antropologia por meio do design: *anthropology-by-means-of-design*. Essa abordagem implica considerarmos que há uma maneira de pensar design não atrelada a um fim pré-determinado, assim como há outras maneiras de entender a antropologia, não como uma descrição e análise sobre o que já aconteceu. Os autores argumentam por meio da defesa de um conceito de design aberto e entrelaçado com experimentações e improvisos da vida cotidiana, bem como uma antropologia vinculada a modos especulativos de pensamento e ação.

Correspondência seria uma maneira de entender a dinâmica social entre existências — sejam elas humanas ou outras que humanas. Como seres que caminham juntos, emaranhados, a correspondência seria o movimento em que coisas e existências respondem uns aos outros num processo com — trocando cartas, dando às mãos, conversando, caminhando junto.

Para responder à questão sobre a presença do conceito de correspondências nas pesquisas em designantropologia no Brasil, partimos para a leitura de trabalhos não vinculados ao LaDA e ao NIDA - laboratórios que trazem esse conceito como fundamental em suas abordagens de pesquisa. O conjunto de trabalhos lidos nos fez atentar para alguns importantes fios nesta trama. O primeiro deles é que abordagens que aproximam design e antropologia aparecem em expressiva diversidade de localidades no território brasileiro: Universidade Federal de Santa Catarina; Rio Grande do Sul, na Universidade Federal e na Pontifícia Universidade Católica; na Universidade Federal do Ceará; na Universidade de São Paulo; Universidade Federal do Pernambuco; Universidade Estadual de Uberlândia-Minas Gerais; Universidade do Rio Grande do Norte; Universidade Federal de Minas Gerais.

O segundo é que LaDA e NIDA aparecem como referências na totalidade dos trabalhos levantados, o que nos parece indicar que se conformam, atualmente, nos dois principais nós de produção em designantropologia no Brasil. Maria Cristina Ibarra, hoje professora na Universidade Federal de Pernambuco, é também muitas vezes citada, com relação à sua tese de doutorado, produzida no LaDA/ESDI.

Um terceiro aspecto é que parece existir uma circulação e uma troca intensa entre a literatura brasileira, de forma independente das produções internacionais em designantropologia. Além disso, o conceito de correspondência é mesmo expressivo na literatura brasileira.

Após esses achados iniciais, passamos a nos corresponder, no processo de pesquisa, de forma mais direcionada aos trabalhos e percursos do LaDA, do NIDA e das pesquisas de Maria Cristina Ibarra, seja no LaDA ou na UFPE, a partir de 2019. A partir deles, fomos desenhando, no papel, a trama relacional desses campos de pesquisa no Brasil.

A seguir, abordaremos os trabalhos que conformam as primeiras linhas e nós de designantropologia no Brasil. Buscaremos apresentar os contextos de formação dos laboratórios de pesquisa LaDA e NIDA, bem como percepções gerais sobre suas produções.

Recuperando os fios e os nós que formam essa trama

“Correspondências entre Design e Antropologia” é o título de um dossiê da Revista Arcos Design, distribuído em dois números. Organizados por Raquel Noronha e Zoy Anastassakis, compõem o primeiro dossiê, no Brasil, reunindo pesquisas em designantropologia. Em seus textos pudemos observar um entendimento sobre ferramentas de design como mediadoras de processos de pesquisa e análise, auxiliando não apenas na aproximação das pesquisadoras com as pessoas e coisas envolvidas nas investigações e projetos, mas estimulando, também, as parceiras de trabalho a realizarem suas próprias formulações, emergindo como partes determinantes dela. Relevante é também a identificação das pesquisas como vivências de processos em design; focadas em pensar e aprender *com e no* percurso. Criado em 2013, o LaDA é coordenado pelas professoras Barbara Szaniecki e Zoy Anastassakis, e “investiga modos alternativos para a prática de projeto em design, enfatizando questões sociais, políticas e públicas” (BIZ, SZANIECKI, ANASTASSAKIS, 2023). Essa apresentação está na coletânea “Imaginação, participação e correspondência”, livro que reúne anseios e inquietações em torno dos modos de fazer pesquisa no Laboratório, tratando-se de “uma coletânea de reflexões sobre as primeiras teses defendidas pelas pesquisadoras do LaDA” (BIZ, SZANIECKI, ANASTASSAKIS, 2023, p. 9). As autoras sustentam a participação, a cooperação, o fazer e pensar junto, como eixos fundantes da atuação do laboratório. O contexto de criação do LaDA se deu quando o Rio de Janeiro passava por uma série de transformações motivadas pela realização de megaeventos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. A ausência de instâncias de participação popular no andamento das alterações urbanas foi uma questão observada e vivida, ao passo que passou a constituir os esforços de pesquisa do laboratório, sendo então percebida como uma situação ideal para experimentações entre design e antropologia (SZANIECKI, ANASTASSAKIS, 2023). As pesquisadoras usam o termo “cidadãs-designers”, se referindo à relação direta entre os anseios de pesquisa e experimentação com o que estava sendo vivido, como habitantes daquele território. Por meio de vivências no entorno da ESDI, com as estudantes e demais seres e coisas com quem elas partilhavam daquele espaço, passaram a desenhar juntas “visões alternativas para a vida na cidade” (ANASTASSAKIS, SZANIECKI, 2023, p. 21), buscando, com isso, se aproximar das questões que estavam ali pulsando. Atualmente, pode-se perceber nas pesquisas uma transformação no entendimento de contextos de cidade/cidadãs para uma preocupação com as questões relativas aos territórios/territorialidades e os habitantes do mundo.

Ao comentar mais especificamente sobre a relação entre e por meio dos campos de antropologia e design, Szaniecki e Anastassakis argumentam que a relação entre eles “pode resultar em uma proveitosa complementaridade teórica, metodológica e prática” (SZANIECKI, ANASTASSAKIS, 2016, p. 60), que não necessariamente pretende se constituir como um novo campo, definido e consolidado como tal. Elas nomeiam essa confluência como *design anthropology*, e a apresentam como “uma reunião de teorias, práticas e metodologias abertas, com o desejo de melhor responder às questões contemporâneas sem a preocupação ou intenção de, no entanto, apresentar resultados sistematizados” (SZANIECKI, et al. 2016, p. 60).

Mais recentemente, Anastassakis mobiliza o conceito de confluência ao pensar as práticas do laboratório, colocando-o em relação à noção de correspondência (GATT, INGOLD, 2013). Germinado por Antônio Bispo dos Santos⁴, o termo confluência pode ser lido, também, como o “encontro e convite ao compartilhamento e ao fazer com” (ANASTASSAKIS, 2024).

Anastassakis e Szaniecki também argumentam que uma das principais contribuições da pesquisa em correspondência entre design e antropologia é a de que os pesquisadores não apenas atuam colaborativamente e constroem aportes materiais nos processos em que se envolvem, mas se aproximam e estudam os percursos em design como um todo, se enlaçam em práticas que acontecem em campo e no estúdio, que atrelam construções críticas e também materiais. “Ao fazer isso, é possível deslocar as atividades de design e sensibilizá-las para a habilidade dos “usuários”, ou melhor, os habitantes do mundo” (ANASTASSAKIS, SZANIECKI, 2023, p. 27). O que as interessa é estar em contato com o que está sendo. Nesse sentido, Anastassakis e Szaniecki buscam modos de fazer pesquisa que estejam atrelados ao campo da experimentação, sem que se consolidem como teorias e metodologias fixas, enrijecidas, mas por meio de perspectivas engajadas, situadas e parciais (ANASTASSAKIS, 2024).

De maneira geral, pudemos notar que os trabalhos produzidos no LaDA se relacionam de forma bastante direta com vivências que se constroem nos tempos presentes das pessoas pesquisadoras em situações concretas, propondo, ali, experimentações práticas e teóricas em meio a processos de correspondência, *in situ*, construindo uma trajetória diversa em temas e assuntos abordados. Território e situações emergentes — no sentido de serem impulsionadas justamente pelo encontro, pelo estar junto — são elementos fundamentais na construção de um design outro, que, no LaDA, parece estar sendo proposto. Nesses trabalhos, se percebe uma série de preocupações em torno do que constitui o que é fazer, o que pode vir a ser design, como é estabelecido o estar com. Ficam explicitadas experimentações em que antropologia e design se correspondem, sem necessariamente produzir direcionamentos a um “terceiro campo”.

De modo a nos correspondermos, agora, com o NIDA, trazemos aqui a referência de um livro organizado por Raquel Noronha (2023), que nos aproxima de cinco pesquisas de mestrado feitas no laboratório entre 2016 e 2020. Na introdução, Noronha narra o percurso do NIDA e apresenta viradas importantes na construção de designantropologia no Brasil, desde a perspectiva partilhada pelo grupo de pesquisa, situado no Maranhão. Em entrevista realizada no âmbito da pesquisa de mestrado de Manuela, Noronha relata que seu interesse por uma perspectiva ligado ao artesanato, imagem, identidade está presente

em seu doutorado em Ciências Sociais, momento em que, cria um grupo de extensão - Iconografias do Maranhão - ao qual, com o tempo, acaba por se configurar como o grupo de pesquisa - NIDA.

A prática de pesquisa no grupo, segundo a autora, é como um jeito de fazer ciência a partir da vida, em que tentativas, erros, acertos, processos, são vivenciados; onde a construção dos trabalhos se faz no próprio caminhar, e o encontro com a diferença é potência para a construção criativa de habilidades ao caminhar com o diferente.

Nesta perspectiva, designantropologia estaria comprometido a propor fricções com métodos tradicionais de pensar e praticar pesquisa em design, enquanto não se propõe a alcançar resultados e soluções, nem expor e difundir etapas de trabalho que serviriam como modelo a serem aplicados em contextos outros. Engajado em afetar e ser afetado, designantropologia propõe vivências com aqueles com quem se pesquisa junto, com que se compartilha cotidianos e táticas de ação. Essa perspectiva, segundo Noronha, também envolve certa reavaliação crítica da literatura de *design anthropology* — a qual foi a base inicial de inspiração para o laboratório. Quando, no NIDA, se assume uma perspectiva “profundamente situada, não se trata de um processo de traduzir, mas de contraconstruir o que se entende por *design anthropology* entre os pesquisadores do norte global” (NORONHA, 2023, p. 21).

Uma primeira “armadilha epistemológica” apresentada por Noronha como resultante dessa diferença entre as produções no Brasil e as europeias se dá em torno da palavra “design”. Em inglês, *design* não está relacionado somente ao campo do conhecimento, mas, também, ao verbo *to design*, design-ação, projetar, enquanto em português o termo design, usado em inglês, está relacionado especificamente ao campo do saber. Esse seria um dos motivos que levam o NIDA a uma aproximação com abordagens vinculadas ao *design* participativo e à pesquisa por meio do design.

Apresentando a ideia de co-pesquisadores, Noronha argumenta que, na condição de construção de experimentos sociais de design, o processo de pesquisa, imerso em situações de co-participação e correspondência, se inserem em uma relação que é constantemente revista e re-construída. Em consonância com essa construção em processo, os objetivos das pesquisas são entendidos enquanto elas acontecem, pois em correspondência com os co-pesquisadores são conjuntamente construídos, em uma escuta atenta no e com o campo. Na tentativa de sistematizar nossas percepções por meio dos trabalhos de pesquisa do NIDA, nos parece que o grupo está engajado em fazer e pensar de modo atento às relações hierárquicas de poder presentes nas realidades nas quais as pesquisas se encontram. Como experimentos, se permitindo pensar, agir e alterar o percurso à medida em que ele acontece, onde o caminhar com as diferenças parece ser uma orientação importante, imbuída de uma intenção não de apaziguamento, mas de importância a elas. A construção das pesquisas se dá de modo engajado com práticas situadas, muitas vezes permeadas pelo saber-fazer artesanal, em realidades conformadas em sua maioria por mulheres.

Em relação ao percurso de Maria Cristina Ibarra, tomamos como base principal seu livro “Design como correspondência” (2021), derivado de seu trabalho de doutorado. Atualmente, Ibarra é professora do curso de design na Universidade Federal do Pernambuco, onde coordena o grupo de pesquisa “CUIDA - Coletivo de Iniciativas em Design e Antropologia”. Por meio de experimentações em processos participativos, Ibarra fomenta

práticas em design atreladas ao questionamento de suas origens ocidentais e modernas, aliando-se a autores latino-americanos, construindo um design sentipensante, preocupado não apenas com formulações mentais, mas, também, com o sentir.

“Comunidades Criativas e Saberes Locais: Design no contexto social cultural de baixa renda”, é uma publicação que reúne trabalhos realizados por meio do programa PRO-CAD-AM. O projeto, com duração de 2018 a 2023, foi realizado em um âmbito interinstitucional, em uma parceria formada entre os programas de pós-graduação em design da Universidade Federal do Maranhão, Universidade do Estado de Minas Gerais e a Universidade Federal do Paraná. Noronha mencionou em entrevista a importância dessa parceria e do trabalho que vem sendo realizado no contexto da UEMG, particularmente da professora Kátia Pêgo e do professor Edson Carpintero, em pesquisas comprometidas e situadas com as realidades em que estão inseridas, numa relação de coprodução e correspondência com os seres e coisas envolvidos.

Pudemos nos deparar também com outras perspectivas que ensaiam aproximações entre design e antropologia e abordagens de um fazer pesquisa em correspondência. O “Design Social Participativo”, perspectiva brasileira situada na PUC-RIO compartilha pontos em comum com designantropologia (MONTUORI, 2018), especialmente no que diz respeito à percepção ‘do outro’ e ao uso de experimentações colaborativas, permeada pela presença da antropóloga brasileira Lélia Gonzalez, incentivando que as alunas fizessem pesquisa fora da sala de aula. Outra que parte de uma abordagem do “norte global”, mas buscou se vincular também a autores latino-americanos — Arturo Escobar e Alberto Acosta — e a Paulo Freire, com o “design relacional”. Por meio desta perspectiva, as autoras se inspiram, se baseiam, na abordagem de designantropologia e da prática de correspondências e se debruçam na defesa de um enfoque que se vincule a questões e demandas do território latino-americano, considerando suas diferenças em relação à realidade europeia (ALMEIDA et al., 2020).

Outra abordagem que vem se consolidando por meio de encontros entre design e antropologia, se dá em Minas Gerais, na Universidade Federal de Minas Gerais. Renata Moreira Marquez e Wellington Cançado consolidaram um trabalho de encontro de saberes com a produção da revista “Piseagrama” e com a presença de Ailton Krenak⁵, por exemplo, nas disciplinas de projeto em arquitetura. Em sua tese de doutorado (2019), Cançado comenta a necessidade de uma “intrusão antropológica no cerne das ciências sociais aplicadas” (CANÇADO, 2019, p. 8).

Ao falar sobre o ensejo que existe em trazer ao design a cultura popular, artefatos indígenas, aspectos culturais e materiais de grupos quilombolas, já anteriormente encabeçados por Lina Bo Bardi e Aloísio Magalhães, assunto abordado no livro “Triunfos e Impasses” (ANASTASSAKIS, 2014), argumenta que a questão “não é exatamente saber se os humanos são designers e se cavernas são ou não arquitetura” (CANÇADO, 2019, p. 253), pois dessa forma estaríamos continuamente subordinando as coisas a um único método hegemônico de existência. Devemos então “desantropocentrizar e antropocentrizar o design para que outros humanos e todos os não humanos possam ser agentes e não simplesmente “pacientes” do mundo” (idem).

Fundamental para o processo dessa pesquisa foi a conversa com uma das coordenadoras do LaDA, a Professora da ESDI, Barbara Szaniecki, que nos instigou a pensar sobre os entrelaçamentos desses fios que conformam os estudos em designantropologia no Brasil também como frutos de acontecimentos entre e com pessoas, vivências “bem e mal sucedidas”, gestos, falas, seminários, coisas que tomam corpo em meio aos processos, que não necessariamente aparecem nos documentos finais apresentados — teses, dissertações, monografias. Esse direcionamento nos levou à proposição do que veio a se conformar como a segunda etapa de pesquisa: a organização de encontros virtuais, onde partilhamos dos processos que foram nos levando a ir coletivamente construindo e formando o que hoje é compreendido como designantropologia no país.

Pensando por meio dos processos

Foram realizadas duas reuniões: a primeira delas por meio de um convite feito ao LaDA, ao NIDA, e a Maria Cristina Ibarra, mas aberto a quem mais pudesse se interessar; o segundo teve participação mais ampla, após convite feito nas redes sociais do LaDA. Buscamos exercitar uma perspectiva que se baseasse em narrativas menos “formais”, atentas a relatos que tratassem, também, das sutilezas, dos encontros, e dos gestos que conformam um percurso de entrelaçamentos entre pessoas, coisas, pesquisas e projetos, que acabam por construir uma estória de designantropologia no Brasil.

No primeiro encontro virtual realizado, participaram 16 pessoas, todas de alguma forma vinculadas ao NIDA ou ao LaDA. Este foi acontecendo por meio de um espaço de fala e de escuta, em que fios foram sendo puxados à medida que a memória, o corpo, a escuta fizessem ressoar e se correspondessem: assim fomos compondo relatos com as pessoas presentes. De partida, três características nos pareceram importantes de serem ressaltadas: 1) a formação de designantropologia está relacionada ao modo com que as relações entre as pessoas, coisas, pesquisas e projetos foram se dando ao longo do tempo — comentários, dicas, apresentação de pessoas umas às outras; certas oportunidades motivaram a organização de encontros mais “institucionalizados”, como o seminário Entremeios; 2) observando, hoje, esses momentos vividos, podemos perceber sua importância como marcos, mas que não foram pensados necessariamente dessa maneira, com esse “objetivo”. Isso é interessante como processo histórico de um campo de conhecimento; 3) a observação de que seminários, congressos, e *workshops*, se constituem como importantes tempospaços de encontro e formação de nós nesse emaranhado de fios que conforma a trama que foi se delineando nesta pesquisa. Comentaremos a seguir alguns marcos que foram abordados nesses encontros, que aqui assumimos como fundamentais na estória de processos de correspondência entre design e antropologia no Brasil.

Um deles é a colaboração com pesquisadores dinamarqueses, como Wendy Gunn, Thomas Binder, Joaquin Halse, Sissel Olander e Eva Brandt, dentre outros, especialmente por meio de projetos de codesign e participação cidadã firmados a partir de um acordo bilateral entre o Brasil e a Dinamarca, viabilizado mediante financiamento pela *Danish Agency for Science, Technology and Innovation-DASTI*. Em uma parceria entre o LaDA e

o *Codesign Research Center, Royal Danish Academy of Fine Arts (KADK)*, estabeleceu-se o projeto “*Codesign, citizenship and new forms of participation*”, em que, de 2014 a 2015, pesquisadores, professores, estudantes da graduação de ambos os países se visitaram, se envolvendo em ações comuns.

Mais tarde, Maria Cristina Ibarra realizou período de doutorado sanduíche no *CoDesign Research Center*, com supervisão do Prof. Thomas Binder. Em 2018, quando Maria Cristina estava, ainda, por lá, Zoy Anastassakis e Raquel Noronha voltaram ao CODE, para partilhar seus processos de pesquisa. Desse processo, um importante desdobramento foi a publicação de texto escrito por Anastassakis e Szaniecki (2016) em uma das coletâneas organizadas pela rede, e a menção aos trabalhos realizados no Brasil no verbete sobre o tema escrito por Wendy Gunn (2020). Em 2025, Thomas Binder voltou ao Rio de Janeiro, onde participou de um seminário internacional organizado em parceria entre o Museu de Arte Moderna do Rio e a ESDI, com curadoria de Zoy Anastassakis e Pablo Lafuente. Outro importante marco é a aproximação com o antropólogo britânico Tim Ingold, que se desdobra em alguns acontecimentos que suscitaram desdobramentos: primeiramente, em 2013, Ingold indica o nome de Zoy Anastassakis para a *Research Network for Design Anthropology*, que se formava a partir da Dinamarca, com o objetivo de reunir pesquisadores que aproximassem antropologia e design. Este vínculo leva a docente e estudantes da ESDI a seminários e conferências da rede em Copenhague, em 2014 e 2015. A aproximação com Ingold se estreitou em 2017, quando Raquel Noronha e Zoy Anastassakis vão à Escócia para entrevistá-lo. Nessa ocasião, surge a oportunidade de Zoy Anastassakis e Raquel Noronha voltarem ao Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen, em 2018, como pesquisadoras visitantes no projeto “*Knowing from the inside*”, coordenado por Ingold. Na ocasião, as pesquisadoras participaram de *workshops* e seminários, e realizaram uma sequência de reuniões de trabalho com Caroline Gatt e Tim Ingold, em que tanto discutiram o que vinham fazendo no Brasil, quanto abordaram questões presentes nas obras de Gatt e Ingold. No período em Aberdeen, com supervisão de Tim Ingold, Anastassakis pôde, também, se dedicar à escrita de dois artigos, publicados originalmente em inglês (2019 e 2021), que depois foram reunidos em um livro, lançado em português.

Noronha comenta que, nesse momento, ficou mais evidente, para ela, o que tanto ela quanto Anastassakis buscavam realizar em torno daquilo que ainda denominavam de *Design Anthropology*, no Brasil. Essa abordagem destoa de percepções mais tradicionais sobre design no Brasil, mais diretamente vinculadas a uma determinada ideia de projeto, positivista e pautada em objetivos finais pré-determinados. Noronha relata que parte do processo de “consolidação” da perspectiva de fazer pesquisa imersa em designantropologia é também o encontro — ou desencontro — com aqueles que não têm conhecimento sobre o que ela seria, oferecendo, em certas situações, resistência a entendê-la como pertencendo a um programa em design. Ela ressalta ajustes que, como um processo pedagógico ao longo do tempo, foram sendo necessários na forma de apresentar as pesquisas aos demais colegas.

Foi nomeada, ao longo do encontro, certa resistência por parte de grupos vinculados a formas de criar ciência, mais tradicionais, mas que não impediram o potencial crescente de abordagens experimentais. Apesar das resistências e críticas, há uma diversidade de inicia-

tivas que questionam paradigmas tradicionais no design, buscando práticas mais situadas e entrelaçadas com realidades locais. Esses movimentos, embora enfrentem desafios, continuam a se fortalecer por meio de encontros e colaborações, consolidando abordagens que buscam perceber e valorizar as diferenças como construtoras de conhecimento. O que nos parece importante de ser reforçado é a presença de iniciativas que questionam paradigmas do design moderno, e que a resistência encontrada não foi impeditiva de formação de uma malha de pessoas, coisas, pesquisas e projetos interessadas em abordagens entrelaçadas entre design e antropologia.

Importante também a ponderação feita de que esse tipo de resistência, evidenciada por uma desqualificação do que estava sendo produzido como não vindo do “campo do design”, acaba provocando uma internacionalização precoce, dada a abertura para abordagens que correlacionavam antropologia com design, inicialmente localizadas na Escócia e Dinamarca. Esse movimento acaba por fazer com que parte do que foi produzido no Brasil tenha tido um foco em livros, revistas e congressos estrangeiros, como recurso de consolidação de uma abordagem que vinha sendo praticada por aqui.

Mencionado por pesquisadoras distintas, a organização da série de seminários denominados Entremeios⁶, se delineou como um marco importante na construção dessa trajetória. Possibilitando não só encontros efetivos entre pessoas com interesses comuns, mas uma ampliação das perspectivas em torno do que poderia ser fazer pesquisa em design.

Raquel Noronha conta de um momento decisivo na trajetória de designantropologia no Brasil, quando, em 2014, ela, Zoy Anastassakis, Wendy Gunn, e Thiago Oliveira propuseram, na Reunião Brasileira de Antropologia⁷, em Natal, Rio Grande do Norte, uma mesa redonda cujo tema eram os debates entre design e antropologia. Ela comenta esse episódio como um marco de certa institucionalização de um designantropologia no Brasil. Em 2025, Raquel Noronha, Renata Marquez e Zoy Anastassakis organizaram o seminário temático “Modos de fazer, modos de lutar: cocriações em correspondência com quilombolas, indígenas e comunidades de terreiros”, na Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia, no Rio de Janeiro, reunindo pesquisadores de várias localidades do país.

Ao longo do encontro *online* provocado por esta pesquisa, ao compartilharem de suas trajetórias e aproximações de caminhos entre design e antropologia, foram mencionadas referências importantes de professoras, em distintos contextos, que de alguma forma incentivaram a observação para além do campo do design e, mais do que isso, para fora da sala de aula, estimulando práticas de conhecimento e de experimentação “na rua”. Alguns desses nomes são: Ana Branco, professora da PUC-RIO, Silvia Steinberg e Silvana Miceli de Araújo, ambas professoras da ESDI-UERJ, Elsje Marie Lagrou e Marco Antonio Gonçalves, ambos professores da UFRJ, estes importantes num movimento de um interesse a partir da antropologia para as coisas de design.

Outra marca dessa estória estão as aproximações com populações indígenas, de terreiro, e quilombolas. No Maranhão, o NIDA e seu percurso estão intimamente relacionados à pesquisa de Raquel Noronha com quilombos da região, sendo o início próprio do núcleo um aprofundamento do projeto de extensão Iconografias do Maranhão⁸. No LaDA, desde 2017 até a presente data, está em operação o projeto “Correspondências com artistas e pesquisadores indígenas na ESDI”, iniciado em parceria com o Museu Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI). O projeto de extensão universitária “Correspondências” viveu um

processo de internacionalização entre 2024 e 2025, a partir da organização de uma expedição de pesquisa de três pesquisadores indígenas (Francy Baniwa, Francisco Baniwa e Idjahure Terena) à Inglaterra e Portugal, para uma série de eventos acadêmicos em instituições locais; em 2025, no âmbito do mesmo projeto, quando aconteceu na ESDI, no Rio de Janeiro, o encontro internacional “Da universidade à pluriversidade: etnografia colaborativa rumo a antropologias pluriversais”, reunindo antropólogos indígenas e afro-descendentes de várias nacionalidades, organizado por Caroline Gatt, Julia Sá Earp e Zoy Anastassakis, com financiamento da *Wenner-Gren Foundation*.

Em 2024, se estabeleceu como projeto de extensão “A Cozinha das Tradições ESDI”, como um legado do Congresso Brasileiro de Agroecologia, que aconteceu em 2023 na Fundação Progresso. Atualmente vem desenvolvendo, em parceria com professores, estudantes, e mestras de comunidades tradicionais, encontros de saberes que estimulam a produção de retomadas tecnológicas e sociais, fundamentadas em conhecimentos de matriz tradicional, se estabelecendo como um espaço de formação política em torno das atividades de cozinhar, comer, plantar e construir.

Claudia Teixeira Marinho, docente da Universidade Federal do Ceará, compartilha a iniciativa que tem organizado, já em sua quarta edição, o “Colóquio de Pesquisa em Design e Arte”, realizado na Universidade do Ceará, em parceria com a Universidade Federal do Cariri. Este vincula-se a uma busca em provocar aproximações entre abordagens que lidam com as fronteiras entre design e as singularidades locais; a vida vivida e a reverberação que provoca em debates e reflexões teóricas, contribuindo para a universidade e para o ensino. Aprofundando esse caminho, Marinho está atualmente envolvida em um pós-doutorado na Unicamp, comprometida em construir uma prática de design e de ferramentas de identidade visual com o MST.

Com os encontros, acreditamos poder defender a existência de uma diversidade de iniciativas interessadas em questionar formas tradicionais de projetar, atreladas à imposição de cursos lineares e excludentes de fazer mundo. As resistências e críticas não foram impeditivas desse movimento, bem como podem ter forçado um estímulo à produção e ao trabalho contínuo de um fazer situado. A questão do território e da localidade parece ser um ponto central nesse fazer, dando contorno à prática e à teoria.

Retomando...

A pesquisa apontou para alguns aspectos sobre a produção acadêmica em designantropologia (DA) no Brasil a partir das correspondências entre dois grupos de pesquisa no país — LaDA e NIDA. Foi possível observar que abordagens de designantropologia estão presentes em diversas instituições brasileiras, como a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade de São Paulo, a Universidade Federal do Ceará, a Universidade Federal de Pernambuco, Universidade do Estado de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, indicando uma disseminação significativa pelo território nacional. Nessa capilaridade, dois nós destacam-se como primeiros polos disseminadores de experimentações em designantropologia: o LaDA (Laboratório de Design e Antropologia da ESDI/UERJ) e o

NIDA (Narrativas em Inovação, Design e Antropologia, da UFMA), os quais são referências constantes nos trabalhos analisados. A pesquisadora Maria Cristina Ibarra, vinculada ao LaDA durante seu doutorado, atualmente professora na Universidade Federal de Pernambuco, onde coordena o CUIDA, grupo de pesquisa permeado por entrelaçamentos entre design e antropologia, também é aqui percebida como uma figura seminal.

Além do dossiê da Revista Arcos, é interessante ressaltar também, a produção bibliográfica produzida por esses dois grupos de pesquisa, NIDA e LaDA, que sistematizam suas trajetórias. Dois exemplos fundamentais são o artigo “Dispositivos de conversação: por uma abordagem transdisciplinar e antropológica do design” (ANASTASSAKIS, SZANIECKI, 2023), produzido e organizado pelo LaDA; e o livro “Correspondências como prática de design: construindo caminhos no NIDA” (NORONHA, 2023), coordenado pelo NIDA. Os livros “Design como correspondência: antropologia e participação na cidade” (IBARRA, 2021) de Maria Cristina Ibarra, desdobramento de sua tese de doutorado, “Comunidades Criativas e saberes locais: design no contexto social e cultural de baixa renda” (NORONHA et al., 2022) são também marcos significativos nessa estória pela sistematização de conceitos e experiências constitutivas dessa caminhada. Importante também é o movimento, como processo de marcação de 10 anos do NIDA em 2025, uma edição da revista Arcos com a temática “Designs, fronteiras e dissidências cosmológicas”.

Outro aspecto que consideramos relevante é a circulação de ideias na literatura brasileira em designantropologia, que parece ocorrer de forma independente das produções internacionais. Percebemos que as produções do LaDA e do NIDA são fundamentos de outras pesquisas, sendo referências teóricas e práticas para as produções em designantropologia no Brasil. Essa percepção nos fez pensar sobre um caminho brasileiro em designantropologia, em diálogo com, mas não absorvido pelas produções internacionais. Nesse sentido, ao longo da investigação, percebemos que o conceito de “correspondência” é frequente na produção nacional, se constituindo como referência para se pensar a relação de design com antropologia.

Por meio das práticas de correspondência com os trabalhos e percursos que traçam essa malha, podemos aqui compreender designantropologia, no Brasil, como uma abordagem plural e engajada em construir designs abertos e experimentais. Ao se aliar à antropologia, seu foco se desloca para as relações e os processos pelos quais as coisas se constituem e se transformam no cotidiano. Essas perspectivas valorizam as vinculações entre materiais e coisas, seres humanos e mais que humanos, destacando a dinâmica constante de composição e transformação presente no desenrolar da vida diária. Uma abordagem que se aproxima de práticas de improviso e de fazer-com, atentando-se às diversas formas de habitar e às singularidades situacionais.

Em comum, parece existir um exercício de avaliação crítica e questionamento de abordagens projetuais que conformam a modernidade e o pensamento ocidental, valorizando práticas processuais, experimentais, colaborativas e radicalmente situadas. Nesse sentido, design é entendido como parte de um processo de pesquisa colaborativa, em que as relações e o pensar sobre as perspectivas assumidas tomam lugares fundamentais.

Notas

1. Raquel Noronha é designer (ESDI-UERJ, 2001), mestre (PPGCSoc-UFMA, 2008) e doutora (PPCIS-UERJ, 2015) em Ciências Sociais. Atua como professora associada na Universidade Federal do Maranhão.
2. Zoy Anastassakis é designer (ESDI/UERJ, 1999), mestre (2007) e doutora (2011) em Antropologia Social (PPGAS-MN/UFRJ). Professora Associada da ESDI/UERJ.
3. Maria Cristina Ibarra é professora adjunta do Departamento de Design e do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Design (ESDI/UERJ, 2018). Mestre em Design, Inovação e Sustentabilidade (UEMG, 2014). Designer Industrial pela Universidad del Norte (Colômbia, 2009).
4. Antônio Bispo dos Santos (1959-2023) nasceu no Vale do Rio Berlengas, Piauí. Formou-se pelos ensinamentos de mestras e mestres de ofício do quilombo Saco-Curtume, município de São João do Piauí; Nêgo Bispo, como também é conhecido, é autor de artigos, poemas e dos livros “Quilombos, modos e significados” (2007) e “Colonização, Quilombos: modos e significações” (2015).
5. Ailton Alves Lacerda Krenak (Mantena, 29 de setembro de 1953), um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta, escritor brasileiro da etnia indígena crenaque e membro da Academia Brasileira de Letras
6. Realizado por meio de um edital que o Centro Carioca de Design lançou, fomentando a organização de eventos com temáticas em design. Na ocasião, em 2014, uma das pessoas convidadas a participar foi justamente Wendy Gunn. O Seminário aconteceu até sua quinta edição, em 2018.
7. Evento de referência na área do país, a Reunião Brasileira de Antropologia é organizada pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA).
8. Vigente de 2009 a 2015, o projeto conta com um grupo de pesquisadore(a)s que trabalharam distintos aspectos direcionados à questão do artesanato na região de Alcântara, “considerada a maior aglomeração de quilombos do Brasil”.

Bibliografia

- ALMEIDA, Ana Julia Melo; MONTUORI, Bruna Ferreira; NICOLETTI, Viviane Mattos; SANTOS, Maria Cecilia Loschiavo dos. **Por práticas relacionais no design**. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 5–24, 2020.
- ANASTASSAKIS, Zoy. **Laboratório de Design e Antropologia: preâmbulos teóricos e práticos**. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 178–193, 2014.
- _____. **Triunfos e Impasses: Lina Bo Bardi, Aloisio Magalhães e o design no Brasil**. Lamparina editora, Rio de Janeiro, 2014.
- _____. **Design e antropologia: novas interações para pensar as questões sociais**. Entrevista especial com Zoy Anastassakis. Instituto Humanitas Unisinos, 2016.
- _____. **Correspondências entre Design e Antropologia**. Arcos Design, 12(1), 1–4, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47514>.
- _____. **Refazendo tudo: confabulações em meio aos cupins na universidade**. 01. ed. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2020. 103p.
- _____. **Redesigning design in the pluriverse: speculative fabulations from a Brazilian design school in the borderlands**. In: Nina Paim; Claudia Mareis. (Org.). *Design Struggles - Intersecting Histories, Pedagogies, And Perspectives*. 1ed. Amsterdam: Valiz, 2021, v. 1, p. 169-186.
- _____. **Confluências e entremeios no fazer design com antropologia**. Estudos em design, v.31, n 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.35522/eed.v32i2.1974>
- ANASTASSAKIS, Zoy; NORONHA, Raquel. **Correspondências entre Design e Antropologia**. Arcos Design, 11(2), 1–6, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/arcosdesign.2018.47514>.
- ANASTASSAKIS, Zoy; SZANIECKI, Barbara. **Conversation Dispositifs: towards a trans-disciplinary design anthropological approach**. In: *Design Anthropological Futures*. Routledge, 2016.
- ARCOS DESIGN. Editorial. Arcos Design, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2025. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/arcosdesign/article/view/92707>.
- CANÇADO, Wellington. **Sob o pavimento, a floresta. Metamorfoses urbanas e cosmopolíticas do antropoceno**. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo. Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.
- CARVALHO, Manuela d'Albertas Gomes de. **Designantropologia no Brasil: uma aproximação**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPDESDI/UERJ, 2025.
- CUNHA, Amanda Ramos da. **Antropologia, arquitetura e design: perspectivas antropológicas associadas a experiências projetuais colaborativas**. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Uberlândia, 2021.
- GATT, C.; INGOLD, T. **From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time**. In: Gunn W, Otto T, Smith RC, (Eds). *Design Anthropology: Theory and Practice*. London: Bloomsbury, 2013, p. 242–274
- GUNN, W. (2020, December 17). **Design Anthropology in Europe**. In: *Oxford Research Encyclopedia of Anthropology*. Oxford University Press, 2020. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190854584.013.199>

- IBARRA, Maria Cristina. **Design como correspondência: antropologia e participação na cidade**. Editora UFPE. Recife, 2021.
- IZIDIO, L.; NORONHA, L.; FARIAS, R. (2022). **Reapropriação ontológica por meio de designantropologia: produção de narrativas e subjetividades com as artesãs de Paço do Lumiar, Maranhão**. RChD: creación y pensamiento, 7(12), 5-22. <https://doi.org/10.5354/0719-837X.2022.67632>
- INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- MONTUORI, Bruna F. **Design, favela e ativismos: experiências e aprendizados com a Rede da Maré no Rio de Janeiro**. Dissertação de mestrado. Programa de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2018.
- NORONHA, Raquel. **Construindo espaços de diálogos: abordagens de Design Anthropology com Raquel Noronha**. Lab Design Contemporâneo, UNESP, 2020.
- NORONHA, Raquel. (Organizadora). **Correspondências como prática de design: construindo caminhos no NIDA**. São Luís, EDUFMA, 2023.
- NORONHA, Raquel; ABOUD, Camila; PORTELA, Raiama. **Design by means of anthropology towards participants practices**. Proceedings of the 16th Participatory Design Conference 2020 — Participation(s) Otherwise — v.1 (s.l.), 2020, p. 203–211.
- VIANA, Adson; SOUZA, Tatiana de Castro e; PÊGO, Kátia Andréa Carvalhaes; REZENDE, Edson. **Estratégias de pesquisa e de projeto para sustentação dos pluriversos**. In: **III Colóquio de Pesquisa e Design: (de)futurando o design — práticas políticas e saberes**. Universidade Federal do Ceará, Universidade Federal do Cariri, Grupo de Pesquisa em Arte e Design. 2022, p. 262–277.
- SZANIECKI, Bárbara; BIZ, Pedro; ANASTASSAKIS, Zoy (orgs.). **Imaginação, participação e correspondência: experiências do Laboratório de Design e Antropologia**. Rio de Janeiro, Coleção Laboratórios, PPDESDI, 2023.
- SZANIECKI, Barbara; ANASTASSAKIS, Zoy. **Design, participação e movimento: considerações a partir do laboratório de Design e Antropologia**. In: SZANIECKI, B et al. (orgs). **Imaginação, participação e correspondência: experiências do Laboratório de Design e Antropologia**. Rio de Janeiro, Coleção Laboratórios, PPDESDI, 2023, p. 45–66.

Abstract: Here we revisit part of the material produced by a master's thesis (Carvalho, 2025) conducted in the Graduate Program in Design at the School of Industrial Design (PPDESDI), Rio de Janeiro State University (UERJ), which investigates how design and anthropology, or designanthropology, have come together in Brazil (IZÍDIO, FARIAS, NORONHA, 2022). We seek to recover the textures that are formed from the intertwining of the lines along which the research groups that founded this approach in the country walk, namely, the Laboratory of Design and Anthropology (LaDA, ESDI/UERJ) and Narratives in Innovation, Design, and Anthropology (NIDA, UFMA), and we highlight the importance of the concept of correspondence (Gatt, Ingold, 2013) in their theoretical and methodological experiments. Through situated and relational research, we seek to demonstrate that design anthropology is now a consolidated field of research in Brazil.

Keywords: design anthropology; design; anthropology.

Resumo: Aqui retomamos parte do material produzido por uma pesquisa de mestrado (Carvalho, 2025) realizada no Programa de Pós-Graduação em Design da Escola de Desenho Industrial (PPDESDI), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que investiga como tem se dado, no Brasil, os encontros entre design e antropologia, ou designantropologia (IZÍDIO, FARIAS, NORONHA, 2022). Buscamos recuperar as texturas que se conformam a partir do entrelaçamento das linhas pelas quais caminham os grupos de pesquisa fundantes dessa aproximação no país, a saber, Laboratório de Design e Antropologia (LaDA, ESDI/UERJ) e Narrativas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA, UFMA) e destacamos a importância do conceito de correspondência (Gatt, Ingold, 2013) em suas experimentações teórico-metodológicas. Por meio de uma investigação situada e relacional, buscamos demonstrar que designantropologia é, hoje, um campo de pesquisa consolidado no Brasil.

Palavras-chave: designantropologia; design; antropologia.

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
